

**Hanna J. Batoréo e Isabel Hub Faria**

Laboratório de Psicolinguística, FLUL

**Estudo sobre a variação de referência nominal nas narrativas em Português Europeu: 'A vaca é o boi ou o touro?' \***

A capacidade de utilização da linguagem como o seu próprio contexto tem sido apontada por vários autores (Hickmann et al., 1989; Keil & Hickmann, 1992; Slobin, 1989) como uma componente indispensável da competência nativa da criança que adquire a sua língua materna. A criança, independentemente do idioma em aquisição, tem que aprender a utilizar diversos meios linguísticos para produzir um discurso coerente e eficaz do ponto de vista comunicativo, em situações nas quais não pode partilhar conhecimento contextual. A investigação desenvolvida na área tem dado destaque especial à capacidade revelada pelas crianças para interpretarem os determinantes definidos e indefinidos, em relação à distinção semântica da referência específica versus não-específica e à distinção pragmática entre a informação dada e a informação nova<sup>1</sup>. Este tipo de pesquisa implica o estudo da referência nominal, dando destaque especial aos problemas com os quais a criança é confrontada durante

---

\* Uma versão anterior deste estudo intitulada "Variation in Nominal Reference: a Study in European Portuguese Children's Narratives" foi apresentada no Fourth ISAPI, International Congress "Psycholinguistics as a Multidisciplinary Connected Science", em Bolonha, em Junho de 1994. Agradecemos a Rita Veloso a contribuição para a transcrição e codificação do corpus das narrativas. A investigação conducente a este estudo é abrangida pelos Projectos PCSI/CULIN/154/91 e FMRI/BIO/241/92 da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

<sup>1</sup> Ver discussão em Keil & Hickmann (1992: 74-75).

o processo da aquisição e que podem variar de língua para língua, evidenciando que o desenvolvimento da coesão do discurso depende tanto dos factores linguísticos de carácter geral como dos específicos, em função da língua em aquisição.

Inserida neste enquadramento dos estudos interlinguísticos, a análise aqui apresentada centra-se na referência nominal, um dos pilares importantes do estabelecimento do enquadramento referencial. Apreciamos aqui, sobretudo, a introdução da referência assim como, em parte, a sua manutenção nas narrativas produzidas em Português Europeu pelas crianças monolíngues, em confrontação com um grupo adulto de controlo, em situação de ausência de conhecimento situacional partilhado. **Deste modo, o objectivo principal do nosso estudo é verificar, por um lado, como as crianças portuguesas introduzem a referência, utilizando para este fim expressões nominais e, por outro, analisar os meios lexicais por elas utilizados quer na manutenção quer na mudança referencial. Propomo-nos, também, identificar os factores específicos do Português Europeu que estes fenómenos possam implicar.**

As narrativas do nosso corpus foram produzidas com base num estímulo visual de duas histórias aos quadrinhos "História do Cavalo" e "História do Cão e do Gato", utilizadas nos estudos de Maya Hickmann desde 1982 e, posteriormente, aproveitados por outros autores, p.ex., por Hendrix (1993) e Smoczynska (1992). O grupo experimental é constituído por 30 crianças, metade rapazes e metade raparigas, dividido em três faixas etárias de cinco, sete e dez anos, com dez sujeitos em cada subgrupo. As crianças foram testadas na secção infantil, na escola primária e no ciclo de um colégio particular do centro de Lisboa (Quadro 1).

As duas histórias aos quadrinhos que serviram de estímulo para as nossas narrativas baseiam-se numa sequência de imagens em que diferentes animais se encontram envolvidos em situações de interacção. Na "História do Cavalo" temos, assim, um cavalo, uma vaca e um pássaro, enquanto na "História do Cão e do Gato" surge um pássaro com as suas crias, assim como um cão e um gato. Embora o enquadramento geral da inserção dos personagens seja muito parecido em ambas as histórias, elas diferem quanto ao papel desenvolvido

pelos vários animais. Na primeira história, é o cavalo que desempenha o papel principal: é ele que corre pelos prados até tropeçar na vedação que o separa da vaca, é ele que cai, que se magoa e acaba por ser socorrido pela vaca e pelo pássaro. Na segunda história, porém, é difícil decidir quem, de facto, desempenha o papel de protagonista principal. O título sugere que a história é sobre um cão e um gato, mas nem um nem outro aparecem na primeira imagem, onde surge apenas um pássaro com as suas crias. O gato aparece na segunda imagem procurando apanhar os passarinhos entretanto abandonados pelo pássaro-mãe. No entanto, o gato é desencorajado pelo cão que, ao puxar-lhe a cauda, não o deixa subir a árvore. Tanto o gato como o cão fogem, enquanto o pássaro grande volta às suas crias.

Ao comparar as duas sequências de imagens, verificamos que a primeira história é muito bem definida quanto à agencialidade: o cavalo começa como agente para, apenas no fim, se tornar paciente em relação aos outros dois animais. Na segunda história o esquema agencial é mais complexo, permitindo, à partida, uma grande diversidade de perspectivas tanto quanto aos personagens como quanto aos acontecimentos a relatar. Esta diversidade influencia, sem dúvida, a produção da narrativa; daí que passemos a considerar o tipo de história como variável na nossa análise da referência nominal.

No estudo aqui apresentado centramos a nossa atenção apenas na primeira das duas histórias - a "História do Cavalo" - para analisar a referência nominal no caso de um quadro agencial nitidamente definido.

Na nossa análise da "História do Cavalo" distinguimos três categorias de referência inicial: a categoria Protagonista (P), Locativa (L) e Instrumental (In). Numa análise mais aprofundada, cada uma destas categorias pode ser subdividida. Assim, iremos distinguir três subcategorias protagonistas: CAVALO (P1), VACA (P2) e PÁSSARO (P3). Do mesmo modo, temos três diferentes subcategorias Locativas: PRAIDO (L1), VEDAÇÃO (L2) e PARTES DO CORPO (L3) e duas Instrumentais: MALA (In1) e CONTEÚDO DA MALA (In2) (Quadro 2).

Do ponto de vista linguístico, as categorias referenciais são realizadas ao nível de diferentes instâncias lexicais, mostrando uma grande variedade de ocorrência (Quadro 3).

A variedade de ocorrências lexicais verificada difere, no entanto, de categoria para categoria. Entre as três categorias de referência inicial distinguidas, a categoria Protagonista é a que apresenta menos variedade em comparação com as outras duas: a Locativa e a Instrumental. Dentro de cada uma delas observamos, igualmente, variação na realização lexical: se para o protagonista principal - o CAVALO - temos apenas dois tipos de ocorrências, para a VACA (a segunda protagonista) verificamos quatro, enquanto que para o terceiro protagonista - o PÁSSARO - surgem oito diferentes tipos de lexemas. Se analisarmos quantitativamente os tipos de realizações linguísticas em relação à categoria referencial, verificaremos que **quanto mais central for a categoria** (como no caso do protagonista principal), **tanto menor variedade apresenta**. Nas categorias menos centrais, a variedade é mais saliente e mais rica em tipos de realizações, como podemos exemplificar comparando os 25 tipos de ocorrência para a categoria L e apenas 14 para a P.

Verificamos, também, que **as categorias com o traço [+ Animado] e [+ Protagonista] são menos sujeitas à variação do que as categorias marcadas com o traço [- Animado]**.

Também o carácter linguístico das realizações referenciais varia consideravelmente. Surgem, por conseguinte, ocorrências do **mesmo lexema marcado morfológicamente** pelo género ou número, como nos exemplos de 'pombo' - 'pomba' e 'campo' - 'campos'. A marcação morfológica pode ser não só de carácter **flexional** mas, também, **derivacional**, como, p.ex., no caso dos diminutivos: 'pombo' - 'pombinho' e 'pomba' - 'pombinha'.

A variação observada não é, no entanto, apenas de carácter morfológico. Ocorrências há que se destacam pelo seu carácter quase sinonímico, como no caso das realizações da categoria VACA em 'vaca', 'boi' e 'touro' ou na categoria PÁSSARO, em 'pássaro' e 'ave'. Nestes casos não se trata, apenas, da evidência do conhecimento linguístico mas, antes, do conhecimento geral do mundo das referências. Para os falantes do Português Europeu o referente da categoria VACA, tal como representado nas imagens da primeira história, pode ter uma das três realizações, independentemente, na prática, do sexo do animal representado. Até os falantes adultos não se parecem preocupar com a distinção entre a 'vaca' [+ feminino] e o 'boi' ou o 'touro' [+ masculino]. A

designação 'touro', muito especialmente, reflecte o papel social que a tradição tauromáquica tem na vida portuguesa, cuja dimensão é transmitida como parte do conhecimento da vivência cultural na sociedade. [Para esta análise, veja-se, p.ex., o quadro comparativo das designações linguísticas utilizadas para a categoria VACA em Português e em Inglês e a sua diferenciação de carácter social e cultural (Quadro 4)].

É importante salientar que nas listas de frequência do *Português Fundamental* todas estas três formas se encontram incluídas, embora com estatutos diferentes: a 'vaca' e o 'boi' foram seleccionados automaticamente com frequências no Português cotidiano de 258 e 268, respectivamente, enquanto o 'touro', reintroduzido posteriormente nas listagens por decisão de um júri especial, apresenta uma frequência de apenas 48.

Na categoria PÁSSARO, além da sua instanciação com realizações tais como 'pombo' ou 'andorinha', observamos, igualmente, realizações de aparente sinonímia, no caso das ocorrências genéricas 'pássaro' e 'ave'. A sinonímia, de facto, é apenas aparente: do ponto de vista cognitivo a *ave* pertence a um nível hierarquicamente superior de referência genérica do que o *pássaro*. Esta realização é típica da língua portuguesa, difícil ou mesmo impossível de transpor para outras línguas, onde lhe corresponde apenas uma designação, como, p.ex., em Inglês, 'bird'. Vejamos que, se em Inglês, as designações 'ave' e 'pássaro' dispõem de apenas um equivalente, outros casos há em que uma designação referencial em Português corresponde a duas ou mais em Inglês. Analisemos, p.ex., o caso de 'pombo'/'pomba' em Português que abrange uma organização cognitiva hierárquica e que em Inglês é traduzida por dois lexemas: 'pigeon' e 'dove'. O 'dove' pode, por um lado, ser um tipo de pombo diferente, geralmente mais pequeno, enquanto, por outro, é o símbolo da paz, equivalente à 'pomba' portuguesa. No primeiro caso, o 'pigeon' pertence, do ponto de vista cognitivo a nível hierarquicamente superior ao 'dove', diferença que não pode ser representada em Português, onde as designações equivalentes 'pombo' e 'pomba' se encontram relacionadas apenas horizontalmente por marcação de género. É preciso salientar que a situação não tem nada de linear: a 'pomba' portuguesa é, simultaneamente, a 'dove' inglesa mas, também, a 'hen-

<sup>2</sup> Ver listagens dos "Animais" em *Português Fundamental*, Vol. II, Tomo II, pp. 379-382

pigeon', isto é, a forma feminina do 'pombo'. Sendo assim, - e abstraindo, de momento, da designação metafórica do símbolo da paz, - do ponto de vista cognitivo de um falante da língua inglesa, a designação 'dove' funciona, ao mesmo tempo, em dois níveis hierárquicos diferentes: num inferior - específico, no primeiro caso, e num superior - genérico, no segundo. Este tipo de exemplos mostra, claramente, que, independentemente do tipo de língua em análise, a variedade lexical não é apenas determinada por características de ordem puramente linguística mas, também, por factores de ordem cognitiva.

Para resumir esta parte da nossa análise, os exemplos de variação verificada na Categoria Protagonista aqui discutidos não apresentam características exclusivamente linguísticas, como poderíamos ser levados a pensar ao verificar a aparente sinonímia de diferentes lexemas ocorrentes no mesmo contexto referencial. **As diferentes realizações lexicais podem ser determinadas cultural ou socialmente, como no caso da categoria VACA, ou cognitivamente, como no caso da categoria PÁSSARO.**

Voltando ao quadro experimental, verificamos que as ocorrências iniciais da categoria P (Quadro 5) mostram uma grande variação ao longo do período de aquisição, mas isso apenas nas realizações referentes aos protagonistas não-principais.

Assim, a categoria principal CAVALO é a menos diferenciada, apresentando apenas duas realizações: 'cavalo' e 'cavalinho' em todas as faixas etárias, com excepção da dos dez anos (G3) onde não se verifica a ocorrência da forma diminutiva. Surpreendentemente, a ocorrência dos diminutivos não aumenta para as crianças mais pequenas, como poderíamos ser levados a crer. Tanto os adultos (G4) como os mais pequenos (G1) apresentam o mesmo nível de utilização de diminutivos, aliás sem relevância numérica (dez por cento). De um modo igualmente surpreendente, verificamos que se as crianças de dez anos (G3) são as únicas que não utilizam os diminutivos para o CAVALO, são, também as únicas que utilizam na categoria VACA (igualmente sem relevância numérica: dez por cento). Apesar de serem subjectivamente surpreendentes, estes resultados vêm ao encontro dos estudos sociolinguísticos desenvolvidos nos últimos anos e que apontam para um papel muito especial do emprego dos diminutivos em Português (Faria, 1991). Ao contrário do que acontece, p.ex., em Inglês, onde as formas de tipo 'birdie' ('passarinho'), 'horsie'

('cavalinho'), 'doggie' ('cãozinho'), etc., se utilizadas pelos adultos, marcam o seu discurso de um modo fortemente infantilizante, em Português o emprego do diminutivo faz parte da linguagem adulta do dia-a-dia, como resultante de um relacionamento particularmente marcado, ou até íntimo, como o Universo de Referências<sup>3</sup>.

Na categoria secundária VACA as três realizações atrás discutidas encontram uma representação quase equitativa no grupo dos adultos (G4), com quarenta por cento de ocorrências para a 'vaca', trinta para o 'boi' e 23,3% para o touro. Nos adultos surgem, ainda, dois casos de referência indirecta ao 'boi', por meio das expressões: 'campo do boi' e 'pasto do boi', em vez da referência directa ao animal propriamente dito. Nos grupos da população infantil (G1, G2, G3) a situação é totalmente oposta. Os grupos mais pequeno (G1) e mais velho (G3) apresentam uma clara predominância da realização 'vaca' em relação à 'boi', com 70 e 30 por cento das ocorrências para o G1 e 60 e 20 por cento das ocorrências para o G3. O grupo dos sete anos (G2) apresenta alguns resultados interessantes: as crianças desta idade preferem o 'boi' (cinquenta por cento) à 'vaca' (quarenta por cento), mas a preferência não é muito acentuada. É precisamente nesta idade que aparece, pela primeira vez, a designação 'touro', embora apenas para dez por cento dos sujeitos de sete anos. Esta representatividade do 'touro' é mantida no grupo de crianças mais velhas (G3) para, nos adultos (G4), ultrapassar o dobro das ocorrências infantis, atingindo os 23,3 %. Como mostram estes resultados, a aquisição da designação 'touro' é feita, de facto, progressivamente, reflectindo, tal como atrás sugerimos, um amadurecimento social dos sujeitos num enquadramento cultural específico. Como podemos verificar, a realização 'boi' é a mais constante em todos os grupos etários, enquanto a 'vaca' é a mais constante para as crianças. A

<sup>3</sup> "( ) Alguns autores tinham apontado subjectivamente aspectos relacionados com eventuais opções a nível do léxico, remetendo, em geral, para aspectos socialmente estereotipados, como a expressão da afectividade relacionada com a utilização de diminutivos (...) (...). A frequência de diminutivos, por exemplo, aparecia correlacionada com o estatuto sócio-profissional, no sentido de, quanto mais baixo era o estrato do sujeito, mais frequente era a utilização de diminutivos, com incidência no léxico referente aos meios e instrumentos utilizados para a respectiva actividade productiva. A esse nível, foi considerada a importância da proximidade, da relação mais simples ou directa, de 'intimidade' com a base material da produção, relação essa que permite a um pescador falar do seu 'barquinho', a um merceeiro falar da 'continha', ou a uma mãe falar do seu 'pequerrucho'. Estas observações apontavam definitivamente para a necessidade de pôr em questão o senso comum, no que respeitava à consideração das variáveis 'sexo' e 'estrato sócio-profissional', no plano sociolinguístico." (Pavia, 1991: 256)

realização 'touro' aparece nas crianças apenas depois do início da escolarização (G2), mas fica estabelecida somente nos adultos, onde as três realizações da categoria VACA atingem um certo equilíbrio ligeiramente hierarquizado por esta ordem de frequência de uso: 'vaca' - 'boi' - 'touro'. Analisadas em função da ordem de aquisição, as designações 'vaca' e 'touro' mostram características de categorias cruzadas: o papel que a 'vaca' desempenha na infância é retomado, progressivamente, pelo papel de 'touro', como evidenciado na Figura 1.

A análise da categoria protagonista auxiliar - o PÁSSARO -, quando comparada com as duas categorias anteriores, mostra que quase um terço de toda a população infantil omite a sua referência, enquanto isto acontece, também, para quase sete por cento dos adultos. As crianças mais pequenas (G1 e G2) utilizam apenas a realização diminutiva 'passarinho', enquanto as mais velhas (G3) mostram uma grande variedade no tipo de designações utilizadas, tanto ao nível genérico, como ao nível de instanciação, dando, no entanto, uma certa predominância à forma 'pássaro' (quarenta por cento das ocorrências). No grupo adulto (G4) esta representatividade do 'pássaro' é praticamente mantida, correspondendo a um terço das realizações, mas sendo ultrapassada pelo diminutivo 'passarinho' (43,3 por cento). A designação genérica 'ave' parece ter a mesma importância - dez por cento das realizações - para os adultos (G4) como para as crianças mais velhas (G3), mas, por outro lado, este grupo de crianças mostra um tipo de instanciação mais rico do que o ocorrido nos adultos.

A análise da aquisição da referência nominal efectuada em função dos grupos etários mostra que, praticamente, não podemos falar na sua aquisição progressiva ou na existência de um continuum de aprendizagem, se abstrairmos de casos pontuais como o atrás discutido, referente à designação 'touro'. Se a referência nominal apresenta características pobres para os mais novos (G1) e marcas quase adultas no grupo de crianças mais velhas (G3), o grupo dos sete anos (G2) apresenta algumas características um tanto inesperadas. Aos sete anos, as nossas crianças preferiram a forma diminutiva para o PÁSSARO, utilizaram-na para o CAVALO (com a percentagem mais alta de todas as idades), mas não a utilizaram de todo para a VACA. É nesta idade que aparece pela primeira vez a designação 'touro', embora sem relevância numérica, mas, é aqui, também, que a realização 'boi' ultrapassa ligeiramente a ocorrência da

realização 'vaca'. A verdadeira riqueza de instanciação na referência nominal pode ser evidenciada apenas no seguinte grupo etário (G3), aos dez anos de idade, junto com a demonstração da capacidade de diferenciação cognitiva. É apenas aos dez anos que podemos concluir que é apenas nesta idade - ou, talvez, algures no período entre os sete e os dez anos - que as bases cognitivas de referenciação nominal podem ser consideradas como adquiridas. A riqueza do vocabulário aqui apresentada, determinada não só linguisticamente mas, também, pelos factores de ordem cognitiva e cultural, prova a importância do enquadramento social relacionado com a escolarização.

A nossa análise de referências iniciais ficaria empobrecida se não a relacionássemos com o número das referências que ocorreram na totalidade, conforme apresentado no Quadro 6. No caso da categoria Protagonista observamos uma grande variação ao nível da referência textual. No caso da designação 'cavalo' e 'vaca' as referências iniciais constituem entre trinta a quarenta por cento do total das referências, enquanto para o 'boi' são de sessenta por cento para as crianças mais pequenas (G1 e G2) e de trinta para as mais velhas (G3) e para os adultos (G4). No caso da categoria PÁSSARO, só as crianças mais velhas (G3) e os adultos (G4) a utilizam com toda a riqueza de referência genérica e instanciação. As crianças mais velhas limitam a sua capacidade de referência apenas ao emprego inicial (cem por cento do emprego da referência é de carácter inicial), não retomando posteriormente a referência introduzida, enquanto os adultos variam entre os cinquenta e os setenta e cinco por cento, conforme a referência utilizada.

Os resultados mostram que a capacidade de referenciação lexical ao longo do texto cresce à medida que a idade avança: algumas das designações utilizadas apenas como iniciais (ou, até, simplesmente não utilizadas) pelas crianças mais pequenas vão aparecendo nas idades mais avançadas, onde, frequentemente, são retomadas lexicalmente ao longo do texto. No caso da categoria Protagonista, é interessante verificar o fenómeno da variação intratextual ou intrapessoal, isto é, casos em que o mesmo referente é designado no mesmo texto e pela mesma pessoa por meio de lexemas diferentes que mostram algumas características quase-sinónimas, como no caso das ocorrências referenciais: 'vaca' - 'boi' - 'touro', conforme exemplificado no Quadro 7.

**Em resumo**, propomo-nos, neste estudo, discutir a referência nominal como parte integrante do enquadramento referencial global. A nossa análise permite-nos **concluir** que:

- As diferentes categorias de referência nominal ocorrentes nas narrativas têm diferentes graus de importância dentro do texto e apresentam uma variação muito rica de realizações linguísticas. **Quanto mais central a categoria, tanto menor variação apresenta;**

- **As categorias marcadas pelo traço [- Animado], como partes do corpo ou objectos, apresentam mais variação do que as marcadas como [+ Animado],** sendo a categoria Protagonista, assim como a subcategoria do protagonista principal dentro dela, as que, relativamente, menos variedade apresentam em relação a todas as categorias analisadas;

- As categorias nominais menos centrais, i.e., as categorias não-protagonistas ou as subcategorias, como, p.ex., a dos protagonistas não-principais no grupo P, são utilizadas nas primeiras fases de aquisição apenas para a referência inicial, sendo introduzidas apenas pelas crianças mais velhas e os adultos também para as referências não-iniciais. Estes resultados mostram que **as crianças aprendem não apenas a referir elementos novos ou utilizar designações novas para os referentes conhecidos, mas também, do ponto de vista intratextual, aprendem a utilizar as mesmas referências lexicais com funções diferentes, p.ex., na continuação do tópico;**

- As realizações nominais são **marcadas linguisticamente pelos marcadores morfológicos de carácter flexional** - quanto ao género e número - e **derivacional**, na marcação das formas diminutivas;

- As referências nominais podem ter realizações que aparentam características quase sinónimas, isto é, ao mesmo referente podem ser atribuídas designações nominais diferentes, com certa representatividade, independentemente da idade, sexo ou nível de educação. Esta **variação interpessoal** foi observada em todas as faixas etárias ao longo da aquisição da linguagem. Foram, igualmente, observadas hesitações e auto-correcções em todos os grupos analisados, tanto ao nível das referências iniciais como das não-iniciais, apresentando **variação intrapessoal;**

- Apesar de apresentarem algumas características referenciais e linguísticas comuns, **as realizações de carácter quase-sinónimo, diferem entre si ao nível cognitivo e/ou sócio-cultural. Independentemente das características apresentadas, todas elas são adquiridas de um modo que, na maioria dos**

**casos, não pode ser considerado nem progressivo nem contínuo.** Algumas das categorias surgem cedo mas desaparecem ou diminuem nas faixas etárias mais avançadas para "cruzar os caminhos" com outras que apenas aparecem mais tarde, nas crianças mais velhas ou na idade adulta.

- Os pseudo-sinónimos de carácter **sócio-cultural** apresentam um tipo de **organização horizontal de referencialidade**, enquanto os **cognitivos** se encontram organizados **hierarquicamente, na vertical**, tanto ao nível genérico como ao de instanciação (Quadro 8)

- **Ao comparar** os resultados obtidos na análise das narrativas portuguesas com as narrativas produzidas noutras línguas já analisadas (v. bibliografia), deparamos com **riqueza de instanciação na organização vertical da referencialidade**. Em termos concretos, isto significa, por exemplo, que enquanto os Portugueses, ao contarem a "História do Cavalo", se referem não apenas às crias dos pássaros, mas também aos pombos ou andorinhas, os Ingleses vêem na mesma história patos e pombos, enquanto os Franceses vêem canários e cucos. Assim, **a diferenciação da categoria genérica no processo da aquisição da linguagem parece constituir um processo independente da língua em aquisição (language-independent), enquanto a realização desta instanciação depende, sem dúvida, de factores de ordem linguística, assim como cognitiva e sócio-cultural**. Parece-nos existirem fortes protótipos culturais que fazem com que os Portugueses vejam na mesma imagem andorinhas e não canários, enquanto os Franceses se refiram aos cucos e não aos patos. Esta é uma das hipóteses que este estudo deixa em aberto para futuras investigações de carácter interlinguístico.

## REFERENCES

- BACELAR, M. F. et al. (1984). *Português Fundamental*, 2 vol. INIC - CLUL, 1984.
- FARIA, I. H. (1991) *Para a Análise da Variação Sócio-Semântica*, INIC- CLUL, Lisboa, 1991.
- HENDRIKS, H. (1993). *Motion and Location in Children's Narrative Discourse: A developmental study of Chinese and Dutch*, PhD dissertation, Nijmegen, 1993.

HICKMANN, M & F. ROLAND (1990), "Topiques et sujets dans les récits d'enfants français", *Réseau Européen "Acquisition des Langues"*, Bielefeld, Mai 1990

HORNBY, A S. (1948), *Oxford Advanced Dictionary of Current English*, Third edition, 1974, Fourth impression, 1975

KAIL, M & M HICKMANN (1992), "French children's ability to introduce referents in narratives as a function of mutual knowledge", *First Language*, 12, 73-94

LIEVEN, E. et al. (1992), "Individual differences in early vocabulary development redefining the referential-expressive distinction", *First Child Language*, 19, 287-310

MACHADO, J. P. (coord) (1981), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Sociedade de Língua Portuguesa, Amigos do Livro Editores, vol.12, 1981.

SMOCZYNSKA, M (1992), "Developing Narrative skills. learning to introduce referents in Polish", *Polish Psychological Bulletin*, 1992, vol. 23 (2) 103-120

SLOBIN, D. (1989), *Factors of language typology in the crosslinguistic study of acquisition*, Department of Psychology, University of California at Berkeley, inédito

SLOBIN, D. (1990), *Passives and alternatives in children's narratives in English, Spanish, German and Turkish*, Department of Psychology, University of California at Berkeley, inédito.

SOARES, Joyce (1991), "Continuidade tópica e referência em duas narrativas orais de uma criança de 7 anos", *Signo*, Santa Cruz do Sul, 16 (23), 5-26

## QUADROS E FIGURAS

**Quadro 1.** Quadro experimental

Grupo	Sujeitos	Idades	Idade média
<b>G1</b> ( 5 anos)	10	4,4 - 5,11	5,7
<b>G2</b> ( 7 anos)	10	7,3 - 7,11	7,6
<b>G3</b> (10 anos)	10	10,1 - 10,10	10,7
<b>G4</b> (adultos)	30	18 - 47	24,3

**Quadro 2.** Categorias referenciais na "História do Cavalo"

<b>P - CATEGORIA PROTAGONISTA</b>
1 - CAVALO
2 - VACA
3 - AVE
<b>L - CATEGORIA LOCATIVA</b>
1 - PRAZO
2 - VEDAÇÃO
3 - PARTES DO CORPO
<b>Io - CATEGORIA INSTRUMENTAL</b>
1 - MALA
2 - CONTEÚDO DA MALA

**Quadro 3.** Ocorrências da categoria referencial inicial na "História do Cavalo"

<b>P - CATEGORIA PROTAGONISTA</b>	
<b>Categoria Referencial</b>	<b>Ocorrência lexical</b>
<b>P1 - CAVALO</b>	'cavalo' 'cavalinho'
<b>P2 - VACA</b>	'vaca' 'vaquinha' 'boi' 'touro'
<b>P3 - AVE</b>	
<b>Genéricos</b>	'pássaro' 'passarinho' 'ave'
<b>Instâncias</b>	'pombo' 'pombinho' 'pomba' 'pombinha' 'andorinha'

## I - CATEGORIA LOCATIVA

### Categoria referencial

### Ocorrência lexical

#### I.1 - PRADO

1. 'prado'
2. 'prados'
3. 'pradaria'
4. 'campo'
5. 'campos'
6. 'campo das flores'
7. 'colinas'
8. 'quinta'
9. 'selva'
10. 'relva'
11. 'relva do campo'

#### I.2 - VEDAÇÃO

1. 'cerca'
2. 'cercado'
3. 'sebe'
4. 'vedação'
5. 'grade'
6. 'muro'
7. 'barra'
8. 'madeira'
9. 'cela'
10. 'traves'
11. 'redes'
12. 'uma coisa de redes'

#### I.3 - PARTES DO CORPO

1. 'pata'
2. 'patinha'
3. 'patas'
4. 'perna'
5. 'boca'

**In - CATEGORIA INSTRUMENTAL**

Categoria referencial      Ocorrência lexical

**In1 - MALA****mala**

- 1 'mala'
- 2 'maleta'
- 3 'malinha'

**caixa**

- 1 'caixa'
- 2 'caixinha'
- 3 'estojo'
- 4 'pasta'

**In2 - CONTEÚDO DA MALA****Genérico**

- 1 'atadura'
- 2 'curativo'
- 3 'curativos'
- 4 'penso'

**Instâncias**

- 1 'ligadura'
- 2 'ligaduras'
- 3 'liga'
- 4 'fita'
- 5 'corda'
- 6 'tesoura'
- 7 'gesso'

**Quadro 4.** Quadro comparativo das realizações lexicais da categoria VACA ao nível sistémico em Português (Dic. P. Machado) e em Inglês (Dic. Hornby)

VACA
------

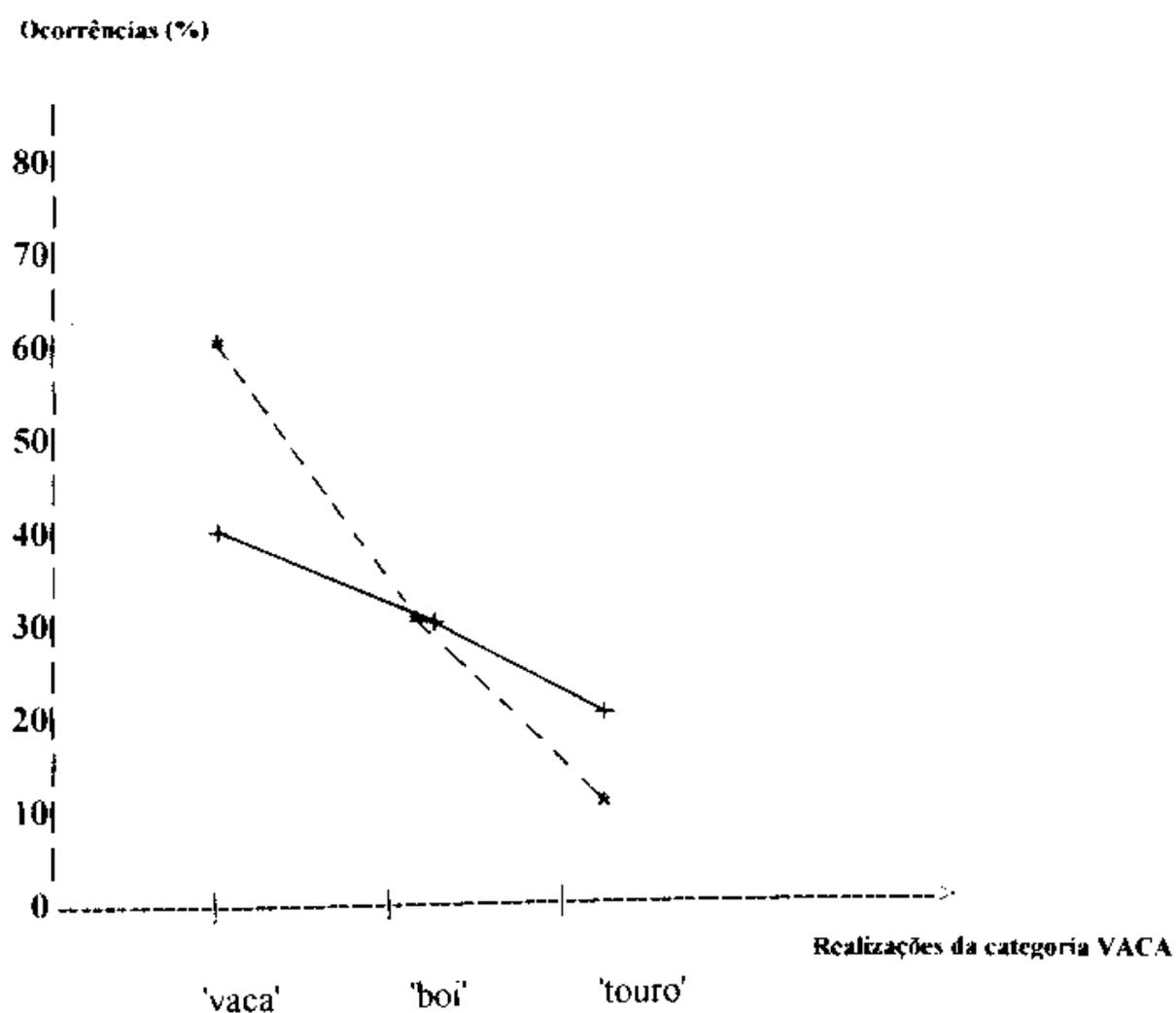
<b>'vaca'</b>	- A fêmea do boi; - Designação geral da carne de touro, de boi ou de vaca; Expressões: carne de vaca, etc.	(= 'cow') (= 'beef')
<b>'boi'</b>	- Nome vulgar de várias raças domésticas de ruminante da família dos Bovideos; - O macho da espécie vacuum; - Touro castrado e de mais de ano e meio, utilizado pelo homem em serviços de lavoura e de carga, e ainda na sua alimentação; Expressões: carro-de-bois ('ox-cart'), olho-de-boi ('bull's eye'), sopa de rabo-de-boi ('ox-tail soup'), etc.	(= 'ox') (= 'bull'/'ox')  (= 'ox')
<b>'touro'</b>	- Boi que não é castrado e que se utiliza como reprodutor;	(= 'bull')
Variante: <b>'toiro'</b>	- macho não castrado da chamada raça brava, utilizado no toureio; Expressões: tourada (= 'bullfight'), toureiro (= 'bull fighter'), tourear (= 'bullfight'), praça de touros (= 'bullring), etc.	(= 'bull')
<b>COW</b>		
<b>'cow'</b>	- Fully grown female of any animal of ox family, especially the domestic kind kept by farmers for producing milk; - also female elephant, rhinoceros, whale, etc. Expressions: cowboy, cowman, etc.	(= 'vaca') ( ' fêmea de ~')
<b>'bull'</b>	- Uncastrated male of any animal of ox family; - ---> bullfight; - male of the whale, elephant and other large animals; Expressions: bullfight, bullfighter, bullring, bullshit, bulldog, bulldozer, bullfinch, bull's-eye, etc.	(= 'boi'/'touro') (= 'touro') ( ' macho de ~')
<b>'ox'</b>	- General name for domestic cattle - Especially, fully grown castrated bullock, used as a draught animal; Expressions: ox-cart, ox-eye, ox-eyed, ox-tail, etc.	('boi') ( 'boi')

**Quadro 5.** Percentagem das ocorrências da referência inicial na Categoria Protagonista

<b>Categoria</b>	<b>Realização lexical</b>	<b>G4</b>	<b>G1</b>	<b>G2</b>	<b>G3</b>
<b>P1</b>					
	'cavalo'	90.0	80.0	8.0	100.0
	'cavalinho'	10.0	10.0	20.0	-
	Não-referência	-	10.0	-	-
<b>P2</b>					
	'vaca'	40.0	70.0	40.0	60.0
	'vaquinha'	-	-	-	10.0
	'boi'	30.0	30.0	50.0	20.0
	'touro'	23.3	-	10.0	10.0
	Referência indirecta	6.7	-	-	-
<b>P3</b>					
	'pássaro'	33.3	10.0	-	40.0
	'passarinho'	43.3	60.0	60.0	10.0
	'ave'	10.1	-	-	10.0
	'pombo'	-	-	-	10.0
	'pombinho'	-	-	-	10.0
	'pomba'	3.3	-	-	-
	'pombinha'	3.3	-	-	-
	'andorinha'	-	-	10.0	10.0
	Não-referência	6.7	30.0	30.0	30.0

Figura 1. Aquisição das realizações lexicais da categoria VACA

(+) - Adultos ———  
(\*) - Crianças - - - -



**Quadro 6.** Percentagem da ocorrência dos lexemas na realização da referência inicial (Categoria Protagonista)

	<b>GRUPO</b>	<b>G1</b>	<b>G2</b>	<b>G3</b>	<b>G4</b>
<b>CATEGORIA</b>	<b>LEXEMA</b>				
<b>P1</b>	<b>cavalo</b>	39.1	35.7	43.5	35.7
<b>P2</b>	<b>vaca</b>	43.8	50.1	36.8	36.4
	<b>boi</b>	60.0	55.6	33.3	30.0
	<b>touro</b>	0.0	25.0	5.0	43.8
<b>P3</b>	<b>pássaro</b>	77.8	75.0	100.0	62.2
	<b>ave</b>	-	-	100.0	75.0
	<b>pomba</b>	-	-	100.0	50.0
	<b>andorinha</b>	-	100.0	100.0	-

**Quadro 7** Variação intratextual da referência nominal**G1 - Hesitation:**

- Criança - "uma # # # é vaca ou porco?  
 Adulto - (o que é que tu pensas?)  
 Criança - vaca # (en)controu uma vaca" |H0503FP CHA|

**G2. - Hesitação:**

(1)

- C. "- mas # do outro lado + isto parece-me uma vaca ou um touro  
 Adulto 'o que tu quiseres'  
 C. - mesmo ao lado dele havia <uma vaca> # ele (es)tava sem - [//]  
 não um touro.  
 C. - eu digo que é um touro porque tem cara de zangado.  
 C. - e depois o cavalo saltou e queria bater (a)O touro".

|H0508MP.CHA|

(2)

- C. - "<um boi> [//] <um> [//] ou uma vaca ou um boi não sei bem # uh  
 estava doutro lado da cerca"

|H0702MP.CHA|

**Quadro 8.** Organização referencial horizontal e vertical**(a) organização horizontal:**

R1 ----- R2 ----- (R3)  
 'vaca' ----- 'boi' ----- 'touro'

**(b) organização vertical:**

R1	(ref. genérica)		'ave'
R2	(ref. genérica)		'pássaro'
R3	(instanciação)		'pombo' 'andorinha'

**G3: Hesitação + segunda referência lexical  
+ terceira referência lexical**

**(1) Criança:**

- "(de)pois viu um -: **boi** n(o) outro lado ou uma **vaca** #. (...) e pa(ra) l(r) pa(ra) (a)O pé do **boi** tentou saltar a vedação # o **touro** de momento (es)tava a observar # aquilo tudo #."

[H1007MP.CHA]

**(2) Criança:**

- "<era> [/] era uma vez um cavalo # que -: andava # a fugir # &do do **touro**. (...) depois &v veio uma **vaca** e um pássaro com -: uma -:> com uma # <com mala dos tratamentos."

[H1002FP.CHA]

**G4 - Auto-correcção:**

**(1) Adulto:**

- "do outro lado da cerca (es)tá <&um &um um **boi**> [//] ou um **touro** (...). o passarinho vai buscar os primeiros socorros para o **boi** tratar do cavalo".

HAD20FP.CHA

**(2) Adulto:**

- "do outro lado da cerca havia <um -: > [//] um **boi** # ou uma **vaca** # não sei (...) o pássaro trouxe uma mala de enfermagem # para a **vaca** # agora já sei que é uma **vaca** # poder [//] cuidá-lo uh tratar dele uh."

[HAD03MP.CHA]